

## **Um passado para esquecer: a trajetória política que os arenistas gaúchos não querem lembrar**

Eduardo dos Santos Chaves<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta comunicação pretende discutir a memória construída por políticos gaúchos da extinta Aliança Renovadora Nacional (ARENA). A comunicação visa examinar como esses ex-arenistas sentem-se desconfortáveis ao falar a respeito de sua trajetória como parlamentar durante a ditadura e, dessa forma, constroem narrativas que os distanciam de quaisquer cumplicidades com o regime. O objetivo, nesse sentido, não é o de "corrigir" nem apontar as falsidades e os erros da memória, mas o de procurar entender como e por que antigos defensores da ditadura silenciam a respeito de sua atuação ao longo do regime. Ou seja, busco entender a historicidade dessas narrativas, suas permanências, mudanças, omissões, seleções e esquecimentos. Sendo assim, para a elaboração deste trabalho, enfatizo os depoimentos como novas metodologias que passaram a fazer parte do universo da história política, o que trouxe uma revalorização de suas concepções. Essa revalorização perpassa também a ideia de que a história política deve ser pensada como um campo mutável através do tempo e do espaço. Cabe informar que a ARENA embora tenha sido um partido que colaborava com a ditadura, sua trajetória não deve ser resumida a de um partido que servia aos interesses do regime. É importante pensar, antes de tudo, que na ARENA ocorreram disputas e discordâncias que permearam o partido, o que aponta para as relações complexas entre sociedade e ditadura.

**Palavras-chave:** Direitas, Memória, ARENA.

### **Introdução**

A partir da Lei de Anistia de 1979, iniciava-se no Brasil um processo de construção de memória sobre a última ditadura em que eram deixados de lado os laços tecidos entre a sociedade e o regime dos “algozes”. Era preciso culpar os militares pelos atos arbitrários, únicos responsáveis pela violência que marcou o regime. A sociedade, homens e mulheres, instituições e partidos políticos, tornou-se aos poucos, vítima dos “coturnos” dos “gorilas”. A ditadura, que se estabelecera desde 1964, ficava marcada pelas cassações de mandatos políticos, pelos expurgos, pela tortura e pelo desaparecimento. Eram esquecidos os apoios, as cumplicidades, as ambivalências e as ambiguidades que definiram, da mesma forma, o período. Como um camaleão, a sociedade passava para o campo de luta contra a ditadura, como se nenhum civil tivesse apoiado e/ou atuado em nome do regime.

De acordo com o historiador Daniel Aarão Reis Filho (2010, p. 171), o que aconteceu foram verdadeiros “deslocamentos de sentidos”, os quais se fixaram na memória nacional como verdades irrefutáveis. Seriam, esses deslocamentos, marcados por três silêncios que fundamentaram e se estabeleceram em torno da Lei de Anistia de 1979.

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Bolsista CAPES. E-mail: [educhaves4@hotmail.com](mailto:educhaves4@hotmail.com)

O primeiro diz respeito ao silêncio em torno da tortura e dos torturadores. É incorreto afirmar que o silêncio em torno da tortura foi unânime. Sabe-se que vozes de vários cantos do país denunciavam, embora isoladamente, os assombrosos crimes que transcorriam nas prisões contra presos políticos, inclusive, havia aqueles que denunciavam de outras partes do mundo (REIS FILHO, 2010, p. 173)<sup>2</sup>. Porém, a partir de agosto de 1979, com a aprovação da Lei de Anistia, a grande maioria preferiu “não falar do assunto, ignorá-lo, ou simplesmente não pensar nele” (REIS FILHO, 2010, p. 173). Era uma perspectiva que, conforme apontou Reis Filho (2010, 173), significava “virar as costas a uma experiência que se considerava ultrapassada”, esquecendo temporariamente do passado.

O segundo silêncio que viabilizou a anistia refere-se às propostas revolucionárias das esquerdas entre 1966 e 1973. Tais propostas são vistas pelos partidários da anistia como integrantes da resistência democrática, apontadas criticamente por Reis Filho (2005, p. 70) como “uma espécie de braço armado dessa resistência”. Desta perspectiva foram apagados quaisquer resquícios revolucionários que moldaram aqueles grupos armados atuantes em guerrilhas urbanas e focos guerrilheiros rurais. Além disso, tal ponto de vista silencia sobre a inexistência de projetos democráticos no horizonte desses grupos, francamente desprezados em seus textos (REIS FILHO, 2005, p. 70). E, para finalizar, é importante pensar que nem toda a sociedade acompanhou a aquela gesta revolucionária com simpatia. Não raramente, muitos denunciavam esses mesmos revolucionários, apontando-os à polícia ou, como em casos isolados, atuaram em prisões e na tortura<sup>3</sup>.

O terceiro e último silêncio refere-se ao apoio da sociedade brasileira ao regime civil-militar. O que ficou cristalizado é que a sociedade brasileira, sempre prezando pela democracia, viveu a ditadura como um “pesadelo que é preciso exorcizar, ou seja, a sociedade não tem, e nunca teve nada a ver com a ditadura” (REIS FILHO, 2010, p. 178). Tal abordagem esquece as diversas manifestações de adesão e simpatia que floresceram durante o regime civil-militar. Além das Marchas da Família com Deus pela Liberdade, ocorridas antes e após o dia 31 de março de 1964, o regime contou com vários apoios, que colaboravam na

---

<sup>2</sup> Um exemplo é a recente obra do historiador norte-americano James N. Green, que procurou demonstrar como norte-americanos e brasileiros exilados formaram e atuaram em redes de denúncia contra a ditadura militar. In: GREEN, James N. **Apesar de vocês: a oposição à ditadura militar brasileira nos Estados Unidos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

<sup>3</sup> Cabe, nesse caso, citar o caso de Henning Albert Boilesen, símbolo maior da colaboração de empresários à ditadura brasileira. Para maiores detalhes, ver: MELO, Jorge José de. **Boilesen, um empresário da ditadura: a questão do apoio do empresariado à OBAN/Operação Bandeirante**. Niterói, 2012. Dissertação de Mestrado em História – Universidade Federal Fluminense (UFF).

legitimidade de suas ações<sup>4</sup>. Isso se reflete inclusive na sua duração, pois, como questionou Reis Filho (2010, p. 174): “como este durara tanto tempo sem viva alma que o apoiasse?”. A popularidade do general Garrastazu Médici exemplifica a grande adesão e apoio que parte da sociedade fornecia ao regime<sup>5</sup>. As expressivas votações obtidas pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA), da mesma forma, apresentam o apoio que a ditadura recebeu, inclusive nas suas últimas eleições realizadas em 1978<sup>6</sup>.

Esse triplo silêncio, ao viabilizar a anistia, consolidou uma memória em que a ditadura e a sociedade eram inimigas de longa data. Nesse processo de construção da memória social a respeito do regime, todos haviam resistido heroicamente ao regime. Além de ninguém configurar como cúmplice da ditadura, visto que isso soava estranho no final dos anos 70, a resistência a que todos procuravam se alinhar era democrática e contrária a tirania dos militares.

Mas como explicar essas metamorfoses, esses deslocamentos de memória? Como ficaram, após o final do regime, aqueles políticos que militaram na Aliança Renovadora Nacional, ARENA, ao lado dos "gorilas", expressão que a esquerda utilizava para denominar os militares? Como reconstruíram suas memórias como arenistas? Por que e como silenciam sobre as cumplicidades com a ditadura?

## **A ARENA gaúcha**

A ARENA embora tenha sido um partido que colaborava com a ditadura, dando sustentação e legitimidade a vários atos dos governos dos cinco generais-presidentes, sua trajetória não deve ser resumida a de um partido que servia aos interesses do regime. Pelo contrário, é importante pensar, antes de tudo, que na ARENA ocorreram disputas e

---

<sup>4</sup> Das manifestações ocorridas nesse período, as Marchas da Família com Deus pela Liberdade constituíram-se em importantes atos que colaboraram com a derrubada do governo de João Goulart, sobretudo a marcha ocorrida em 19 de março de 1964, em São Paulo. Outras, da mesma forma, ocorreram pelas cidades do interior do país. Para maiores detalhes a respeito, ver os seguintes trabalhos: PRESOT, Aline Alves. **As Marchas da Família com Deus pela Liberdade e o Golpe de 1964**. Rio de Janeiro, 2004. Dissertação de Mestrado em História Social – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

<sup>5</sup> Para maiores informações, ver o seguinte texto: CORDEIRO, Janaina Martins. Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 85-104, 2009.

<sup>6</sup> Sobre a atuação da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) durante a ditadura, ver: GRINBERG, Lucia. **Partido Político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional – ARENA – (1965-1979)**. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2009.

discordâncias em relação a diversas medidas adotadas pelo governo federal, além de cisões e discussões acaloradas que permearam os partidos nas esferas estaduais e municipais, como é caso da ARENA gaúcha.

Após a decretação do AI-2, haviam especulações, espalhadas pela imprensa, sobre a possibilidade de formar até três partidos: um que apoiasse a “Revolução de março de 1964”, um segundo de oposição e um terceiro, que congregaria políticos considerados de “centro”. A nova legislação impedia grandes possibilidades de arranjos partidários. Além disso, para se somar a essa situação de desarticulação partidária foi decretado em 20 de novembro de 1965 o Ato Complementar nº4 (AC-4), determinando que as novas organizações partidárias deveriam possuir no mínimo 120 deputados federais e 20 senadores. Nesse sentido, só seria possível a criação de três partidos políticos, visto que o Congresso comportava naquele contexto 409 deputados e 66 senadores.

Diante das novas regras estabelecidas, um grupo se organizou e aglutinou em um único partido políticos que fariam a defesa do regime estabelecido, o que repercutia na articulação e, posterior criação, de apenas mais uma agremiação partidária. Com dificuldades de recrutar o número mínimo de membros, sobretudo de senadores, foi criado o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), em 4 de dezembro de 1965. Já a ARENA não enfrentou problemas para atingir o número mínimo de membros, porém encontrou grandes dificuldades na sua organização, em função de aglutinar diversas correntes políticas, que tinham praticamente como único objetivo à defesa da ditadura.

No Rio Grande do Sul a ARENA congregou os membros da Ação Democrática Popular (ADP), um bloco partidário criado antes das eleições estaduais de 1962 que reunia PSD, PL, PDC, PRP e UDN. Este grupo de partidos além de eleger Ildo Meneghetti ao governo do Estado no pleito de 1962, também colaborou nas eleições municipais de 1963, elegendo prefeitos e vereadores em diversas cidades do Rio Grande do Sul. Tal constatação nos leva a pensar que o surgimento ADP, nas vésperas das eleições estaduais de 1962, facilitou, de certa forma, os contatos entre os membros de partidos políticos diversos na organização da ARENA gaúcha. No entanto, essas mesmas tratativas não minimizaram as disputas envolvendo os nomes que deveriam compor as Comissões Diretoras Municipais, bem como os órgãos das esferas estaduais e federais. Para isso, o meio encontrado pelo governo para apaziguar essas disputas foi a formação de sublegendas, que possibilitava que diferentes

grupos, agora atuantes no mesmo partido, concorressem ao mesmo cargo nas disputas eleitorais.

Entre o final dos anos 60 e início dos anos 70 a ARENA demonstrava ser um partido de peso no cenário político do Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre, por exemplo, com nove vereadores eleitos em 1972, a ARENA figurava como um partido que disputava eleitores e conquistava parcela importante da capital. Dos vereadores arenistas eleitos no pleito de 1972, nos chama atenção a expressiva votação de Dercy Furtado, com mais de dez mil votos. Da mesma forma que muitos dos políticos arenistas da época, Furtado atuava em áreas que, de certa forma, seriam estratégicas para os êxitos do partido na capital. Como ela aponta em uma entrevista concedida quarenta anos depois,

Eu pertencia ao clube de mães e à escola de pais. Fazia palestras por todo o Rio Grande do Sul, por todo o Brasil, sem política, entendes? Eu era mais ligada à Igreja. O Sesi me contratou para fazer palestras, e eu fazia muitas, por isso fiquei conhecida. É importante ter um lastro de conhecimento quando se quer concorrer<sup>7</sup>.

Porém, Dercy Furtado não pode ser vista como uma "inocente dona de casa" usada pela ARENA para angariar votos. As aproximações entre Furtado e os setores católicos conservadores, assim como a estreita relação estabelecida entre a ex-deputada e arenistas como o ex-prefeito de Porto Alegre, Telmo Thompson Flores, indicam a adoção de uma posição política próxima aos ideais da "revolução de 1964" anteriores a sua candidatura em 1972. Deve-se ainda destacar que os vínculos de seu marido, Jorge Furtado, com o empresariado e com políticos tradicionais gaúchos tenham, da mesma maneira, contribuído para a eleição de Dercy, afinal entre 1974 e 1979 o administrador público Jorge Furtado foi secretário geral do Ministério do Trabalho e ministro interino de Arnaldo Prieto, durante o governo de Ernesto Geisel.

Neste presente texto procuro discorrer sobre a trajetória política de Dercy Furtado, ex-vereadora e deputada estadual pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA) do Rio Grande do Sul entre 1972 e 1979, a partir de um conjunto de memórias elaboradas pela ex-arenista após o final da ditadura brasileira. A proposta é verificar como e por que Furtado construiu sua trajetória política distante de quaisquer cumplicidades com o "regime dos militares", descrevendo sua carreira parlamentar voltada para a defesa de ideais democráticos e de esquerda.

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida ao autor em 09 de novembro de 2012, na cidade de Porto Alegre.

## **O caso de Dercy Furtado**

Passo agora a discorrer sobre a trajetória política da deputada arenista. Dercy Furtado nasceu em Morungava, na época distrito de Gravataí, em 22 de setembro de 1924. Filha de Melíbio Fernandes Vieira, um pequeno agricultor, e Etelvina Silveira Vieira, uma professora, Dercy Furtado mudou-se com a família para Porto Alegre em 1936, aos 12 anos de idade. A mudança ocorreu através do convite de seu irmão mais velho que já residia na capital. A transferência para Porto Alegre possibilitou que Dercy concluísse os estudos primários, embora tivesse dificuldades financeiras ao comparar-se com as colegas da sua escola, pois teve que parar de estudar para ajudar nas despesas da casa. De acordo com suas memórias, aos 14 anos foi “trabalhar no laboratório Geyer, onde assoprava com (seus) fracos pulmões (pesava 48 quilos) entre quatro a cinco mil ampolas” (FURTADO, 1984).

Dercy Furtado retoma os estudos quando ingressa no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial no Brasil (SENAI), completando o curso na Escola Visconde de Mauá, em Porto Alegre. Nessa escola, conheceu seu futuro marido Jorge Alberto Jacobus Furtado, na época seu professor de língua portuguesa, que segundo Dercy, “era bondoso. Inteligente. Meio desajeitado. Mãos de intelectual. Religioso. Para mim ‘perfeito’” (FURTADO, 1984). Dercy Furtado casou com Jorge Furtado em 1942, aos 18 anos de idade, e teve seis filhos.

Ao longo de sua trajetória, Dercy participou de diversos movimentos assistenciais e comunitários, principalmente os vinculados à Igreja, juntamente com o marido. Atuou no Movimento Familiar Cristão, onde foi delegada do Sínodo Arquidiocesano de Porto Alegre e fez parte da equipe da CNBB organizadora do Centro de Promoção da Doméstica. Eram movimentos católicos espalhados pelo Brasil com fortes traços anticomunistas. Defensores da família cristã, ocidental, católica, tais movimentos alcançavam diversos setores sociais, além de atuar fortemente na propaganda anticomunista.

Por sua ligação com a Igreja e, especialmente pela assistência dada às domésticas, Furtado ganhou notoriedade e foi convidada para participar de programas de rádio e televisão. Segundo Furtado, “graças a todo este trabalho, em torno da família é que lembraram (seu) nome para a Câmara de Vereadores” (FURTADO, 1984). Em 1972, segundo Furtado, a convite do então prefeito de Porto Alegre, Telmo Thompson Flores se filiou à Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e se candidatou à vereança, sendo eleita em 1972 com mais

de dez mil votos, a mais votada do partido. A expressiva votação de Dercy Furtado não foi apenas o resultado de uma campanha voltada para as mulheres, especialmente para as domésticas e donas de casa. Além do que já foi exposto acima, o resultado nas urnas de 1972 demonstra também o peso que o partido havia adquirido na capital gaúcha desde o seu surgimento, elegendo inúmeros vereadores.

Sua atuação política foi também acompanhada pela defesa de seus ideais relativos à promoção da mulher e a valorização da família cristã em programas de rádio e televisão, além de uma coluna no jornal *Zero Hora*, denominada *Opinião* e a publicação de livros de memórias<sup>8</sup>. Nesses espaços, mostrava-se ligada fortemente pelos ideais da "Revolução" de 1964, as iniciativas do partido e as realizações da ditadura.

Em agosto de 1976, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, a então deputada estadual deixava clara sua afinidade política com os líderes militares que estavam governando o país. Na tribuna afirmou o seguinte:

Antes de encerrar, quero deixar aqui meus cumprimentos ao Presidente Geisel, que deve ser elogiado e estimulado pelas medidas que vem tomando. Não podemos esquecer esse fato. Portanto, ao Presidente Geisel, que com toda a razão vem coibindo alguns abusos, todo o nosso apoio (Anais da ALRS, agosto de 1976).

Dercy Furtado teve uma atuação marcante dentro do partido, assumindo o comando da organização, atuando em grupos específicos, como na ARENA feminina. Em 1976, quando era deputada estadual, foi eleita Presidente do Diretório Municipal de Porto Alegre. Emocionada, fez um pronunciamento na Assembleia Legislativa demonstrando a maneira pela qual sentiu-se uma arenista convicta, alinhada aos propósitos do partido e ao governo "revolucionário".

Ontem, em Porto Alegre, no Diretório Municipal da ARENA, desenrolou-se uma cerimônia que poderia ter sido simples, comum, normal, se não fosse o fato inédito de uma mulher, pela primeira vez, assumir um Diretório e uma campanha política no Rio Grande do Sul. Por esse fato, por esse acontecimento, é que aquela cerimônia se tornou original, tornou-se uma solenidade cheia de entusiasmo com a presença de inúmeras pessoas no Diretório Municipal da ARENA.

Venho a Tribuna hoje para dizer [...] da minha alegria e do meu entusiasmo. Várias vezes recebi grandes alegrias: as duas vitórias em campanhas políticas tanto para a Câmara de Vereadores como para a Assembleia Legislativa. Esses fatos encheram-se de ânimo e foram marcos na minha vida toda. Entretanto, posso dizer que, ontem à noite foi, para mim, algo

---

<sup>8</sup> Dercy Furtado também publicou as seguintes obras: *Opinião*, em 1974; *Cortando as Amarras*, em 1978; *Orações que mamãe me ensinou*, em 1984; e *Construindo Catedrais: ideias para viver bem*, em 2009.

inédito o que aconteceu. Foi de maior relevância e de maior importância para mim assumir o Diretório Municipal da ARENA. Afirmando que foi um acontecimento importante por confiança que a ARENA depositou em uma mulher, porque assumir, ontem, foi um fato não imposto por regimentos, pois o Vereador Carlos Rafael dos Santos poderia continuar à frente do Diretório Municipal. (Anais da ALRS, 10 de setembro de 1976, p. 154)

Embora tenha um discurso voltado para a importância da presença feminina no cenário político partidário, Furtado não deixa de apontar em seus discursos a importância que o partido, a ARENA, tivera em sua carreira política. Se Dercy Furtado ingressou no partido somente em 1972, como ressalta em seus livros de memórias e nos pronunciamentos como deputada, é importante considerar que em pouco tempo, em apenas quatro anos, assumiu um posto de comando na ARENA em uma capital da federação. Políticos com carreiras mais longas que a de Dercy Furtado ainda não haviam ocupado o cargo que a "defensora das mulheres" ocupava em poucos anos como vereadora e deputada, o que demonstra também os espaços conquistados por ela dentro de um partido composto majoritariamente por homens.

Quando era presidente do Diretório Municipal da ARENA da Porto Alegre, Furtado utilizava seu espaço como deputada estadual para divulgar as atividades da agremiação, assim como para convidar os demais deputados a colaborar com a ARENA, visitando as dependências da sede da agremiação no centro da cidade de Porto Alegre.

O Diretório Municipal da ARENA está de portas abertas para receber todos os amigos que desejam colaborar conosco. Desta tribuna faço um convite especial aos Srs. Deputados e à imprensa, que em muitos podem nos ajudar, apontando os nossos erros e nos estimulando nos acertos. Renovo o convite: visitem-nos, sugiram-nos novas ideias, apoiem-nos nos acertos, critiquem-nos e corrijam-nos nos erros. O endereço do nosso Diretório é Rua Marechal Floriano nº 32, telefone é 21.87.10. Como é uma rua muito movimentada e a sede do Diretório estava um pouco escondida, mandei colocar oito grandes bandeiras; bandeiras com as cores da ARENA e que estarão lá tremulando para a nossa alegria e para a alegria de todo o povo de Porto Alegre. Então, essas bandeiras marcarão o local do Diretório Municipal da ARENA. Lá encontrarão os Srs. Deputados e a imprensa, nove funcionários dispostos a dar-lhes o melhor atendimento, desde o cafezinho até a rosa, que estará à mesa de todos os funcionários para dar aquela acolhida fraterna e amiga de todos nós que lá estamos para servir.

Como "slogan" para todos os cartazes, painéis e carros, adotando o seguinte - vou lançá-lo hoje, aqui, pela primeira vez -: "A ARENA É POVO SEMPRE". Além deste "slogan", teremos ainda sub-"slogan", como outros que poderão ser usados, "A ARENA CRESCE EM PORTO ALEGRE". Este "slogan" se baseia no fato real e verídico que desde a eleição passada a ARENA vem crescendo em Porto Alegre, tanto que, já na gestão do Prefeito Dr. Telmo Thompson Flores, passamos de oito para nove Vereadores na Câmara, com o que demos ao Sr. Prefeito a oportunidade de ter o seu veto assegurado. [...]. Temos ainda outro "slogan", para reavivar a mente de



muitas pessoas que estavam esquecendo: "A ARENA É MAIORIA NO BRASIL". Estes são os "slogans" da ARENA para esta campanha.

O fato de Dercy Furtado ter assumindo posições de comando no partido não significava que era obediente a tudo o que o Diretório Nacional definia, nem mesmo um apoio irrestrito aos mandos do executivo.

Porém, ao assumir uma posição de liderança na ARENA demonstrava afinidade com o partido, com os políticos que compunham a agremiação e com aspectos relacionados ao pensamento que, de certa forma, norteava a ditadura brasileira. Ou seja, no espectro político daquele contexto Dercy Furtado se encontrava entre as direitas, os conservadores, que tinham repulsa as transformações sociais, ao pensamento socialista e/ou mesmo nacional-reformista. Além disso, estava ao lado de muitos homens e mulheres que defendiam, em muitos casos, a cassação de mandatos políticos, os expurgos do funcionalismo público, a censura, o banimento e até mesmo a tortura.

Na metade do seu último mandato, em agosto de 1985, quando se encontrava no PDS, ingressou no PDT, segundo Dercy Furtado, a partir do convite de Leonel Brizola. Segundo a ex-deputada,

Quem ouvia sempre os meus discursos? Leonel de Moura Brizola. Ele vivia me ouvindo, e um dia o que fez? Chamou-me ao Palácio da Guanabara. Eu fui, pois o admirava muito. Aliás, fomos eu e o Jorge.

– *Deputada, eu a estou convidando a entrar no PDT.*

– *No PDT? Mas eu sou da Arena!*

– *Mas o seu discurso é de oposição. A senhora está mal. A senhora tem de entrar é no PDT.*

– *Olha, eu entro com uma condição: se o senhor for lá em casa me buscar e me levar até a Assembleia para eu entrar no PDT.*

– *Não há problema nenhum.*

Um dia ele marcou, foi lá em casa me buscar – eu tenho todas as fotos em que nós aparecemos juntos –, e eu vim de carro com ele. (Entrevista concedida ao autor em 09 de novembro de 2012, na cidade de Porto Alegre).

Em 1986 tentou reeleger-se deputada estadual pelo novo partido, mas não obteve sucesso. Talvez, a nova sigla partidária, o PDT, não tenha oferecido base política suficiente para a sua mais nova candidata. Provavelmente as antigas alianças políticas tecidas anos atrás, quando militava na ARENA, tenham se afastado da candidata que aproximava-se do trabalhismo de Leonel Brizola, um dos grandes inimigos dos golpistas de 1964. Mas o contexto político era outro, era de abertura política, era o momento propício para se esquecer antigas desavenças e seguir a vida.

## Incômodas memórias

Em 09 de novembro de 2012, nas dependências do Memorial da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, foi realizada uma entrevista com a ex-deputada Dercy Furtado. Aos 84 anos de idade, Dercy sentia-se entusiasmada em falar da sua vida pessoal e familiar e da carreira política que tivera. No decorrer da entrevista, enfatizava a luta que travou em defesa dos direitos das mulheres, destacando sua trajetória como parlamentar. No entanto, Dercy não tinha mais as mesmas convicções políticas que tivera nos anos 1970. Quando foi questionada sobre sua postura durante o golpe civil-militar, não negou sua posição política no período, mas achou difícil responder a pergunta: "Nos anos 60, houve o movimento de março de 64. Gostaria de saber da sua posição e da posição do seu marido, Jorge Furtado, em relação ao movimento? - Ah, isso foi muito complicado, porque estávamos pela Arena"<sup>9</sup>. Respostas como "puxa, agora não vou lembrar"<sup>10</sup>, foram recorrentes e representam a maneira pela qual a ex-deputada sentia-se desconfortável em falar de sua atuação política ao lado de militares e políticos conservadores.

Durante a entrevista a ex-deputada não se sentiu à vontade em falar que militou na ARENA como fizera orgulhosamente nos anos 1970. Na entrevista afirmou o seguinte:

Sempre fui mais de esquerda. Entrei na Arena por causa do Dr. Telmo Thompson Flores, mas eu me sentia mal, às vezes, junto com coronéis e outras pessoas do partido. Eu queria um partido formado mais por operários, por trabalhadores sem-terra. Meus discursos eram muito de oposição. (Entrevista concedida ao autor em 09 de novembro de 2012, na cidade de Porto Alegre).

Furtado narra sua trajetória como arenista descolada do partido. Ou seja, ela pretende imprimir a imagem de que o partido utilizava estrategicamente do potencial eleitoral de seus candidatos, sem que esses tivessem necessariamente vinculações ideológicas e políticas com as ideias da "Revolução" de 1964 e conseqüentemente com a ditadura civil-militar. Cito para exemplificar dois trechos da entrevista, em que Furtado superdimensionou sua luta pelos direitos das mulheres e donas de casa, que, por sua vez, servira a interesses de partidos e políticos:

O Pedro Simon, que era meu vizinho, ou melhor, que é meu vizinho [...] me dizia: *Meu Deus, como é que eu nunca te enxerguei, Dercy? Como é que tu estavas ali?* Depois fomos deputados juntos. Isso do Dr. Telmo foi muito interessante. Ele teve visão. Foi ele quem me disse: *Tu vais lutar pela*

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida ao autor em 09 de novembro de 2012, na cidade de Porto Alegre.

<sup>10</sup> Idem

*mulher. Eu concordei: Ah, ótimo! Mas eles eram muito bons. Não tenho queixa. O Marchezan foi uma pessoa maravilhosa, assim como o Faccioni. Foram todos muito bons, mas eu não me sentia assim tão bem. (Entrevista concedida ao autor em 09 de novembro de 2012, na cidade de Porto Alegre).*

Foram poucas as falas em que Furtado destaca sua participação na organização do partido, na montagem de congressos femininos, na sua atuação frente à presidência do diretório municipal do partido em Porto Alegre. Sobre os congressos femininos lembra que:

*Sim. Eu organizei o maior congresso feminino da Arena. Veio gente de todos os Estados do Brasil. Aquele auditório grande, o Dante Barone, ficou totalmente lotado. Veio gente até do Amazonas. A família Collor, todinha, também veio. O Collor, bem mocinho, estava na plateia. Convidei a mãe dele, assim como outras mulheres muito importantes. A dona Leda Collor de Mello era uma mulher importantíssima. (Entrevista concedida ao autor em 09 de novembro de 2012, na cidade de Porto Alegre).*

A fuga em aparecer como cúmplice de um regime de exceção e a tentativa de frisar que lutou pela democracia do país foi constante na entrevista. Isso se deve, em parte, ao que foi apontado no início de texto: a partir da Lei de Anistia de 1979, uma memória se consolidou e todos agora estão ao lado da resistência, distante de qualquer aproximação com a ditadura dos militares, únicos responsáveis pelas arbitrariedades do período. Sendo assim, afirmou que os membros do partido "[...] eram muito bons. Não tenho queixa. O Marchezan foi uma pessoa maravilhosa, assim como o Faccioni. Foram todos muito bons, mas eu não me sentia assim tão bem"<sup>11</sup>.

Nesse sentido, a autoconstrução de sua imagem como democrata que sentia-se mal ao lado de "tiranos" e "algozes" parece corresponder a memória social do regime, somadas a elementos que correspondem a história do Rio Grande do Sul. Ou seja, talvez a narrativa de Dercy Furtado sobre sua trajetória política encontra assento mais confortável no que chamo de "memória da legalidade". Uma construção de memória que se desenvolveu particularmente no Rio Grande do Sul e que considera a sociedade gaúcha resistente à ditadura civil-militar. Desde 1961, segundo essa perspectiva, os gaúchos partiram para a resistência, para a oposição, sem nenhuma aproximação com o golpe e com o regime. Apagaram-se as cumplicidades, as ambivalências e os paradoxos entre os "aguerridos" gaúchos e a ditadura.

Mas como pensar esse esquecimento, esse distanciamento, de Dercy Furtado em relação ao seu passado como arenista, suas aproximações com a ditadura? Uma das explicações, como já foi em parte apontada no texto, se deve, em parte, a "invasão" das memórias das esquerdas no campo historiográfico, a partir dos inúmeros relatos daqueles que

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida ao autor em 09 de novembro de 2012, na cidade de Porto Alegre.

sofreram com cassações, banimentos, expurgos, torturas e exílios. Da mesma maneira, é compreensível que, diante das “investigações” da Comissão da Verdade, sintam-se também constrangidos a expor suas trajetórias políticas durante os “anos de chumbo”. Penso que esse uso pragmático da memória não significa maquiavelismo ou oportunismo, mas está relacionado a um cenário de luta entre diferentes atores que atribuem diferentes sentidos ao passado. O objetivo do texto, dentro dos limites apresentados, não foi o de “desmentir” as memórias de Dercy Furtado, mas mostrar, em certa medida que essas construções de memória estão inseridas no tempo presente, momento no qual aparecer como arenista torna-se constrangedor. Da mesma forma, a finalidade aqui não foi o de “compreender” a postura de Dercy Furtado como ex-arenista sem inseri-la num contexto político atual que condena a ditadura e seus agentes.

Interessante observar que Furtado vem realizando tal construção de memória, na qual aparece como político de esquerda, desde os anos 1970, quando começou a publicar livros sobre sua trajetória de vida e sua atuação como parlamentar. Nas obras aparecem uma série de lembranças que se repetem ao longo da entrevista realizada em 2012, colaborando para a ideia de uma parlamentar combativa, que sentia-se incomodada ao lado dos “algozes”. Isto significa que a edificação de uma memória distante da ditadura, dos tempos de militância na ARENA, das relações de amizade e companheirismo com políticos conservadores, já tem uma história que precisa ser investigada.

## Referências

CASTELLO BRANCO, Carlos. **Os militares no poder**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

CORDEIRO, Janaina Martins. Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.22, n.43, p.85-104, 2009.

Entrevista concedida ao autor em 09 de novembro de 2012, na cidade de Porto Alegre.

FLACH, Ângela, HEINZ, Flávio Madureira, VARGAS, Jonas Moreira, MILKE, Daniel Roberto. **O Parlamento nem tempos interessantes: breve perfil da Assembléia Legislativa e de seus deputados (1947-1982)**. Porto Alegre: CORAG, 2005, p. 55-56.

FURTADO, Dercy. **Orações que mamãe me ensinou**. Porto Alegre: Editora da FEPLAN, 1984.

\_\_\_\_\_. **Construindo catedrais: ideias para viver bem.** Porto Alegre: Badejo Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. **“Cortando as amarras” – depoimento.** Porto Alegre: Editora Thesaurus, 1977.

\_\_\_\_\_. **Opinião.** Porto Alegre: Editora FEPLAM, 1974.

GREEN, James N. **Apesar de vocês: a oposição a ditadura militar brasileira nos Estados Unidos.** São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

GRINBERG, Lucia. **Partido Político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional – ARENA – (1965-1979).** Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2009.

\_\_\_\_\_. Uma memória política sobre a Arena: dos “revolucionários de primeira hora” ao “partido do sim, senhor”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (Org.). **O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004).** Bauru, SP: Edusc, 2004.

KINZO, Maria D’Alva Gil. “Novos partidos: o início do debate”. LAMOUNIER, Bolívar (org.). **Eleições e mudança política no Brasil (1970-1979).** São Paulo: Vozes, Cebrap, 1980, p. 219.

MELO, Jorge José de. **Boilesen, um empresário da ditadura: a questão do apoio do empresariado à OBAN/Operação Bandeirante.** Niterói, 2012. Dissertação de Mestrado em História – Universidade Federal Fluminense (UFF).

PRESOT, Aline Alves. **As Marchas da Família com Deus pela Liberdade e o Golpe de 1964.** Rio de Janeiro, 2004. Dissertação de Mestrado em História Social – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p.70.

\_\_\_\_\_. Ditadura, anistia e reconciliação. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v.23, n.45, p.171-186, jan./jun. 2010. p.171.

XAVIER, Denise. “Cortando as amarras”: análise da trajetória de Dercy Furtado (1942-1986). Porto Alegre: UFRGS, 2009. **Trabalho de Conclusão em História (TCC).**